



MEIO AMBIENTE

Segurança reforçada e EUA ausentes da COP30

Presidente Lula decreta GLO para Belém e mais dois municípios paraenses. E Donald Trump dá as costas à conferência da ONU



» RAFAELA GONÇALVES

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou o decreto que autoriza o emprego das Forças Armadas em operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) até 23 de novembro, em razão da realização da Reunião da Cúpula de Líderes e da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP30), em Belém. A determinação atende a pedido do governador Helder Barbalho (MDB) e segue o mesmo procedimento adotado em operações anteriores, como nas Cúpulas do G20 e do Brics, no Rio de Janeiro.

A medida abrange os municípios de Altamira e Tucuruí, com vistas à proteção de infraestruturas estratégicas, como usinas hidrelétricas, portos, aeroportos, estações de tratamento de água e vias de acesso, garantindo a integridade de instalações e serviços estratégicos durante os eventos. As Forças Armadas atuarão em coordenação com órgãos de segurança pública federais e estaduais, assegurando a proteção das delegações, chefes de Estado, autoridades estrangeiras e representantes da sociedade civil, além de preservar a ordem pública e a normalidade das atividades locais. O esquema de segurança conta com mais de 500 viaturas, incluindo blindados, três helicópteros, 30 barcos, três navios, 30 aeronaves, 16 drones e quatro sistemas antidrone.

Para a manutenção da GLO, foi instalado o Comando Operacional Conjunto Marajoara. São sete mil militares das três Forças, atuando em áreas de competência militar, como a Base Aérea de Belém. O reforço de segurança contará, ainda, com aproximadamente 1,2 mil agentes da Polícia Federal (PF) e cerca de mil da Polícia Rodoviária Federal (PRF).

Washington diz “não”

Mas, apesar da segurança reforçada, os Estados Unidos decidiram

Além das chaves do Rio de Janeiro, bate-bola no Maracanã

AFP



Apesar de estar no Brasil por conta da COP30 e os debates sobre as mudanças climáticas, o herdeiro do trono britânico, príncipe William, teve um dia de turista, ontem, no Rio de Janeiro. Sob os braços da estátua do Cristo Redentor, recebeu as chaves da cidade do prefeito Eduardo Paes (PSD). Mas, mesmo com o clima festivo, houve espaço para que os dois discutissem a violência na capital fluminense — cujo tema foi a operação que matou 121 pessoas ligadas à facção Comando Vermelho, nos complexos da Penha e do Alemão, na terça-feira passada. A visita do representante do trono britânico somente voltou a uma agenda mais amena ao participar de um bate-bola com crianças e adolescentes, no Maracanã, por conta do programa desenvolvido pela ONG Onda Solidária. No gramado, mais do que se divertir, William deixou clara sua pouca habilidade com uma bola de futebol, apesar de ter marcado um gol de pênalti. No estádio, foi recepcionado por dirigentes de Flamengo e Fluminense — que administram o Maracanã conjuntamente — e pelo ex-lateral direito da Seleção Brasileira Cafu.

ignorar o evento e não enviarão representantes de alto nível. “O presidente Donald Trump já deixou claras as posições de seu governo sobre a ação climática multilateral”, disse um porta-voz, sob condição de anonimato. O atual governo dos EUA é negacionista em relação às mudanças climáticas, tanto que, na Assembleia-Geral da ONU, em setembro, classificou a crise global no meio ambiente de “a maior farsa do mundo” e criticou as energias renováveis.

A ausência do presidente norte-americano na Cúpula de Líderes, quinta e sexta-feira, era esperada. Havia a expectativa, porém, de que os EUA enviassem delegação para as negociações técnicas, a partir de 10 de novembro.

Lula, por sua vez, tem cumprido uma série de agendas que precedem a Cúpula de Líderes. Ontem, acompanhou o processo de

colheita e debulha do cacho de açaí na Comunidade Quilombola Itacoã-Miri, em Acará, a 120 km de Belém, ao lado da primeira-dama Janja e dos ministros Paulo Teixeira (Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar) e Anielle Franco (Igualdade Racial).

Ele reforçou a necessidade de apoio financeiro às comunidades da floresta. “Todo mundo fala que é importante manter a floresta em pé, porque permite que a gente possa combater a emissão de gases de efeito estufa. Mas como podemos manter a floresta em pé? Com algumas atitudes de financiar as pessoas para que ganhem dinheiro por morar na floresta. Devemos fazer com que o mundo conheça a Amazônia e venha colocar os pés no Pará, para conhecer nossos rios, fauna e tudo o que a gente tem”, exortou.

Meta de captar US\$ 10 bi para florestas

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, disse ontem, em São Paulo, que o Brasil estabeleceu como meta a captação de US\$ 10 bilhões em investimentos públicos dos países para o Fundo Tropical das Florestas (TFFF, na sigla em inglês). O mecanismo é voltado à proteção de florestas e prevê que os países que preservam suas florestas tropicais serão recompensados financeiramente via fundo de investimento global.

Segundo Haddad, esse objetivo deve ser alcançado até o fim de 2026, ainda durante a presidência do Brasil na Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (Conferência das Partes). Segundo o ministro, esse valor seria referente a recursos destinados

por governos, com o valor podendo crescer com a adesão de outros tipos de entidades, como fundações, fundos e empresas.

“Se a gente terminar o primeiro ano com US\$ 10 bilhões de recursos públicos, seria um grande feito”, disse o ministro a jornalistas, depois de participar de uma série de reuniões do evento COP30 Business & Finance Forum, promovido pela Bloomberg Philanthropies, na capital paulista.

“E para chegar a US\$ 10 bilhões, bastaria que alguns países do G20 aderissem para a gente começar a remunerar os países que mantêm florestas tropicais, sobretudo os que estão endividados, porque eles não têm recursos para manter as suas florestas. E o TFF viria em

suporte dessa iniciativa”, explicou. Haddad admitiu que essa é uma proposta “ambiciosa” mas, segundo ele, factível. “Acredito que vamos chegar lá”, acrescentou.

O objetivo final do governo é que o fundo reúna US\$ 125 bilhões, sendo 20% (US\$ 25 bilhões) de países soberanos e 80% (US\$ 100 bilhões) de capital privado. Segundo Haddad, nessa primeira rodada de negociação — realizada em São Paulo e da qual participaram investidores e financiadores —, houve “sinais concretos de que algumas ideias podem começar a sair do papel”. Ele observou que as reuniões com investidores e financiadores indicam que há disposição para que a COP do Brasil seja um marco.

OBITUÁRIO

Clara Charf, viúva de Marighella e ativista, aos 100 anos

» FABIO GRECCHI

A ativista dos direitos humanos Clara Charf morreu, ontem, aos 100 anos, de causas naturais. Viúva do guerrilheiro Carlos Marighella, que pegou em armas contra a ditadura militar, ela estava hospitalizada há alguns dias e foi intubada, segundo comunicado da Associação Mulheres Pela Paz, da qual era fundadora e presidente.

Segundo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ela foi “corajosa, generosa, combativa e de grande maturidade política. Clara viveu o exílio, enfrentou a ditadura e defendeu incessantemente a democracia. Atravessou seu século de vida com uma flexibilidade bonita de quem sabia compreender o novo sem abandonar seus princípios, de quem olhava o mundo com lucidez e coração aberto. Convivi com a Clara por mais de 40 anos. Aprendi muito com ela sobre política, solidariedade, resistência e humanidade”.

O ministro Guilherme Boulos, da Secretaria da Presidência da

Wilson Dias/Agência Brasil



Clara entre a ex-presidente Dilma Rousseff e a ex-ministra Eleonora Menicucci ao ser premiada, em 2014

República, também a homenageou no X (antigo Twitter). “Morreu Clara Charf aos 100 anos. Uma vida dedicada à luta por justiça social e pelos direitos das

mulheres. Vá em paz, Clara!”

Para a Associação Mulheres pela Paz, ela “deixa um legado de lutas pelos direitos humanos e equidade de gênero”. “Clara foi grande. Foi do

tamanho dos seus 100 anos. Difícil dizer que ela apagou. Porque uma vida com tamanha luminosidade fica gravada em todas e todos que tiveram o enorme privilégio de aprender

com ela”, diz o comunicado da Mulheres Pela Paz, exaltando a trajetória de vida da ativista.

Clara tornou-se comissária de bordo, na década de 1940, mas desde os 16 anos participava ativamente da vida política do país. Entrou para o Partido Comunista Brasileiro e, em 1947, casou-se com Marighella, que se tornaria líder da Ação Libertadora Nacional — que decidiu enfrentar a ditadura militar com armas. O casal foi perseguido e preso pelo regime.

Depois da morte do marido — assassinado em uma emboscada por agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) em novembro de 1969, em São Paulo —, Clara exilou-se, inicialmente, em Cuba. Voltou ao Brasil somente em 1979, com a anistia aos adversários da ditadura. A partir daí, atuou fortemente na luta pelos direitos das mulheres, pela liberdade e por uma sociedade mais justa e igualitária. Em 2005, Clara passou a coordenar no Brasil o movimento Mulheres pela Paz ao Reador do Mundo, que nasceu na Suíça.

Nascida em Maceió (AL), era a mais velha de três irmãos, filhos de judeus russos que fugiram do nazismo na Europa. Tempos depois, a família mudou-se para Recife, onde a comunidade judaica já havia se estabelecido. Na capital pernambucana, a matriarca Ester morreu de tuberculose com apenas 40 anos.

Diante das dificuldades da família, Clara foi para o Rio de Janeiro com 20 anos de idade. Filiou-se ao PCB, onde conheceu Marighella. Graças ao inglês fluente em uma época em que a língua praticamente não fazia parte do ambiente profissional do país, ela conseguiu uma vaga para ser comissária de bordo.

Ao homenageá-la em postagem no X, o PT lembrou a trajetória que ela teve como integrante do partido. “Em 1982, foi candidata a deputada federal pelo PT. Feminista incansável, Clara atuou na Secretaria Nacional de Mulheres do PT e integrou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher”, diz a publicação. (Com Agência Brasil)